

Maré Alta

Daily Luiz Wambier

Considera-se o conto, na literatura de todos os povos e línguas, a mais difícil arte de o escritor comunicar-se com o leitor, transmitindo-lhe, sem possibilitar falsas interpretações, a chama criadora que lhe acendia o espírito.

Por isso mesmo, contam-se nos dedos da mão os intelectuais que se projetaram no mundo literário, prestigiando o nome, através da narrativa rápida e simples, mas que, assim pequena e ligeira, tenha a necessária força para proporcionar ao público leitor toda a idéia que o Autor quis transmitir.

Em nossa literatura moderna, por exemplo, podemos considerar autênticos contistas apenas meia dúzia de literatos, dentre os quais, segundo penso, se destacam as figuras inconfundíveis de Monteiro Lobato e Orígenes Lessa.

Temos exemplo de inúmeros escritores, romancistas ou novelistas de nomeada, que, tentando o conto, simples e despretencioso, não puderam ir além de escrever algumas histórias muito próximas do medíocre. Coelho Neto foi um deles, certamente. Ao passo que Machado de Assis ficou sendo a clássica exceção.

Isso não quer dizer, evidentemente, que não possuam as letras brasileiras, de todos os tempos e escolas, o seu contingente assaz apreciável de livros, uns até de larga ressonância nos meios cultos, rotulados de contos. A verdade, porém, é que tais contos, embora ostentando essa designação, não passam de meras histórias ou historietas.

Em Portugal, na minha modesta opinião, dos mais conhecidos no Brasil, João Grave deve ser pôsto como um dos expoentes do conto lusitano. O próprio imenso Eça de Queiroz tentou êsse raro e custoso terreno na literatura, sem o sucesso que era lícito esperar-se do seu talento.

Eis porque, com profunda simpatia e gostosamente,

desejo assinalar o aparecimento de um verdadeiro contista na pessoa simpática e brilhante do escritor português José Loureiro Botas, que acaba de aumentar, com absoluto êxito, êsse gênero literário, com o seu esplêndido livro de contos "Maré Alta", editado em Lisboa, nos últimos meses do ano p. findo.

Autor consagrado de outros dois volumes de contos (Litoral a Oeste e Frente ao Mar), infelizmente por mim ainda desconhecidos, o escritor José Loureiro Botas é, sem favor, um dos pontos mais altos da atual geração lusitana, no terreno das letras.

O seu último livro — "Maré Alta" — é um encanto. Ninguém, que aprecie o legítimo criador de personagens, panoramas e enredos que forçam o leitor a ir até a última página da obra quando nela põe os olhos ávidos de boas e novas sensações espirituais, será capaz de negar a José Loureiro Botas um lugar muito elevado no mundo das letras portuguesas.

Dono de uma imaginação das mais férteis e senhor de um estilo incomparável, o magnífico autor de "Maré Alta", com os contos que enfeixam o volume, trás o leitor prêso, totalmente dominado, às coisas comuns que vai contando, parecendo que a gente não lê, mas vive, sente, agita-se e vibra com a vida, os sentimentos, as agitações e as vibrações que Loureiro Botas põe nos seus personagens.

O conto "A farrusca" dificilmente encontrará igual na literatura dos dois países irmãos; e "Um tesoiro" faz que o leitor, terminada sua leitura, feche o livro e pense na vida e no mundo, tal é o conteúdo de humanidade que ressumbra das linhas que conta a história de Tcha Velha.

Para que, porém, destacar duas pedras preciosas do escrínio que contém nada mais que catorze gemas de alto valor?

Quando apareceu "Litoral a Oeste", João Neves da Fontoura, Jorge de Lima, Plínio Salgado, Tasso da Silveira e outros não tiveram dúvida em colocar José Loureiro Botas nas culminâncias a que os seus livros o conduziram.

"Maré Alta" consolida ainda mais êsse julgamento, que eu esposo com cordiais agradecimentos ao eminente companheiro do Centro Cultural Euclides da Cunha pelo extraordinário prazer que me concedeu com a leitura dos seus contos.